

## Um olhar semiótico sobre *Mordida* (2021), de Sarah Andersen<sup>1</sup>

Márcia TAVARES<sup>2</sup>

Marina Silva NÓBREGA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

Resumo: *Mordida* (2021), *graphic novel* de Sarah Andersen, concentra seu enredo no cotidiano de Elsie, uma vampira, e seu relacionamento com Jimmy, um lobisomem. Objetivamos analisar como a protagonista se constitui um signo icônico das significações atribuídas ao vampirismo em uma narrativa com conflitos urbanos e contemporâneos. A Teoria Semiótica de Peirce, a partir de Volli (2007), e de Kristeva, discutida em Silva (2018), fundamentaram a leitura dos quadrinhos centralizada em uma análise dos signos e seus interpretantes presentes na obra. Em nossos resultados compreendemos que há uma recriação (Sant’anna, 2003) configurada no mito da jovem vampira.

Palavras-chave: *Mordida* (2021); Sarah Andersen; *Graphic Novel*; semiótica; signo icônico.

### Introdução

A semiótica é uma ciência que comporta os estudos dos sentidos de signos e suas significações - o que certa forma é para nós - a riqueza de sentidos atribuídos a partir do conhecimento de mundo ao observar, ler, e decodificar a linguagem, seja ela verbal, visual ou sonora. Estes signos, em suas diversas e possíveis instâncias dentro da linguagem, possuem potenciais interpretativos, os interpretantes, e podem ser identificados, dentre outras categorias, como: icônicos, indicativos ou simbólicos. A Teoria Semiótica de Charles Sanders Peirce, abordada por Ugo Volli, em *Manual de Semiótica* (2007), será o principal aporte para a análise do nosso objeto de estudo, a novela gráfica estadunidense, *Mordida* (2021). Com isso, temos por objetivo observar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação, Linguagens e Quadrinhos), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa da UAL-UFCG, email: marcia.tavares@ufcg.edu.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Letras Língua Portuguesa da UAL-UFCG, email: marina.nobrega@estudante.ufcg.edu.br

como a personagem-protagonista, Elsie, se constitui um signo icônico, a partir de interpretantes presentes na obra, a fim de compreender a significação atribuída à figura da vampira.

Diante disto, temos algumas concepções pertencentes à teoria escolhida que devemos pontuar. Inicialmente, trataremos de Signos que são sinais ou objetos observados, apreendidos, os quais possuem um significado e um significante. Dentro da semiótica, temos conceitos conhecidos pela vivência do mundo, mas quando estudados, revelam sua complexidade. Significado, segundo Volli (2007), é “[...] uma *classe* de possíveis conteúdos mentais singulares” (p. 33), isto nos revela que para cada situação, um signo adquire um sentido específico, a partir de um referente concreto, assim o significado é a junção dos sentidos possíveis que este signo pode ter em situações particulares de uso. Volli (2007) pontua que Significante se trata de uma “realidade psíquica compartilhada”, assim, são construções reconhecíveis alicerçadas em convenções culturais e sociais, sendo compreendidos como um “modelo geral” para se entender algo. Então se confere “[...] como uma *classe abstrata* correspondente ao conjunto inteiro de possíveis sinais que lhe podem corresponder” (Prieto apud Volli, 2007, p. 33). Com os signos que observamos e conhecemos temos a significação, o movimento de passagem de informação e construção de comunicação. Apreendemos a partir de Saussure que toda comunicação tem pilares imprescindíveis, emissor, mensagem e destinatário. A significação é feita pelo destinatário, “observando certos fatos” (Volli, 2007, p. 19).

Para a análise do objeto em estudo, nos concentraremos em duas conceituações, a de signo icônico, quando temos “[...] o significante *semelhante* ao seu significado” (Volli, 2007, p. 40) e na de interpretante, que “[...] é alguma outra *representação* referente ao mesmo objeto ou significado” (Volli, 2007, p. 37). Elucidaremos, mais a frente, esses aspectos em trechos retirados da novela gráfica em análise. Nesse sentido, nosso trabalho busca contribuir para os estudos das histórias em quadrinhos ancorados na Teoria Semiótica que apresenta um arcabouço vasto para análises das múltiplas artes.

## **Desenvolvimento**

Dentro dos estudos da semiótica, o que importa é a forma. A partir desta teoria, muito nos interessa observar como este postulado se apresenta em *Mordida* (Andersen, 2021), tendo como recorte analítico, a protagonista vampira. Esta *graphic novel* foi lançada em setembro de 2020 e editada/traduzida para o português em 2021. Inicialmente, a obra foi publicada em *webcomic* (quadrinhos digitais) na plataforma *Tapas.io* posteriormente, o material *Fangs* migrou do meio digital para o impresso. Nessa migração, o seu formato ganha destaque e se particulariza enquanto objeto, uma vez que, tem a materialidade de um livro; possui maior extensão em relação ao número de páginas; está inserida em um nicho de recepção do mercado que busca orientar os leitores com informações sobre o texto, além de possuir uma apresentação física atraente ao leitor. Quanto ao conteúdo, abarca uma densidade de conceitos acerca do cotidiano, relacionamento amoroso e identidade, da protagonista que é um monstro e vive essa realidade. Nesse sentido, Elsie é a figura em destaque desde a capa da novela gráfica. A partir dos estudos de Postema (2018) e García (2012), compreendemos como *graphic novel* (novela gráfica), publicações em um só volume, no formato de livro, ademais, “as Novelas Gráficas, como são chamados os quadrinhos com histórias narradas no formato de livros direcionados ao público adulto (geralmente com boa qualidade gráfica e à venda em livrarias) também fazem parte do fetichismo do livro” (Boff, 2012, p. 93).

Diante dessa apresentação física da obra e investidos da ideia de que “a crítica literária semiótica não ‘interpreta’, o que o analista deve fazer é entrar no jogo para produzir mais jogo” (Silva, 2018, p. 261), selecionamos alguns signos presentes nos quadros da obra para analisarmos sua significação sobre o signo icônico: Elsie, a vampira. Apoiamo-nos na elucidação de Volli, “[...] o signo icônico é acompanhado e condicionado por convenções que nos permitem identificar o objeto apresentado” (2007, p. 41) como também, na de Santaella (2005), quando propõe que uma qualidade por ser um aspecto formal é um signo, sendo um quali-signo, deste modo, a autora reforça a ideia de Volli quanto às convenções, pois, “no caso do quali-signo icônico, seu objeto imediato tem sempre um caráter descritivo, pois estes determinam seus objetos dinâmicos, declarando seus caracteres” (Santaella, 2005, p. 16). Assim, as convenções são identificadas pela descrição.

O nosso signo icônico, a vampira, é uma figura esguia, provavelmente pálida, com presas, consumidora de sangue e com 300 anos de idade, entre outros marcadores

vampíricos. Todas essas características foram convencionadas a partir de outras histórias e possibilitam a identificação de um vampiro. Nesse caso, estamos tratando especificamente, de um mito literário que se constituiu a partir de identificadores descritivos consagrados no romance *Drácula* (Stoker, 1897). Dentre eles podemos citar a ausência de reflexo em espelhos, sensibilidade fatal ao sol, corpo gelado e dentes afiados, que se perpetuou em uma gama de produtos ficcionais desde a literatura gótica, narrativas fílmicas, história em quadrinhos e poemas.

O jogo de construção de sentidos elaborado através desses marcadores, enquanto signos, resulta, na história em quadrinhos, no reforço da significação do vampiro, como este ser não-humano, por vezes monstruoso, mas que em *Mordida* (2021) é estilizado. Isto porque temos a retomada do gótico a partir da vampira, porém, há uma atualização no enredo, o cotidiano é partilhado entre dois seres com presas, uma vampira e um lobisomem, os quais se envolvem em um relacionamento amoroso. Posto isto, os signos que recolhemos são (Figura 1): as presas, marca identitária de um vampiro; as caveiras e o caixão, itens que denunciam a morbidez; as bolsas de sangue, regime contemporâneo de alimentação; a igreja em chamas e a cruz invertida, que resgatam o discurso religioso acerca do vampirismo; Elsie em chamas, a sensibilidade ao sol e a natureza morta, como *Drácula*, ela interfere no ambiente. Esses elementos são justificados por proporcionarem, pelo grau de pertinência que conferem ao enredo, a significação de uma história sobre uma vampira.

Figura 1 - Recortes dos signos.



Fonte: *Mordida*, 2021, p. 19-76.

Segundo Ugo Volli, “toda vez que há significação ou comunicação há pertinência, isto é, escolha preliminar daquilo que interessa evidenciar e compartilhar com os outros”

(2007, p. 39). Andersen buscou retratar uma vampira como protagonista, apresentando uma figura feminina emancipada, não vitimizada e sem marcas de vilania, focalizando uma representação centrada no seu cotidiano. Assim, a relação sógnica pode se estabelecer da seguinte forma: temos como significante, o vampiro, essa “[...] identidade reconhecível da parte de todos [...]” (Volli, 2007, p. 33), diante do mito e de suas representações nos meios de comunicação. Como significado, temos as possíveis interpretações dos leitores dessa figura, aqui como uma vampira com sentido humanizado, em seu cotidiano romântico, muito mais próxima de uma humana que de um monstro. Então, o interpretante é um equivalente de sentido que proporciona a relação entre significado e significante, como lê Santaella (2000, 2004 apud Silva, 2007), se refere ao efeito interpretativo produzido pelos signos em *Mordida* (2021), na mente do intérprete.

Portanto, compreendemos que é uma história sobre um ser fantástico, a vampira, pois “[...] pensar é necessariamente ligar signos [...]” (Volli, 2007, p. 37). Enquanto analistas, podemos ligar os signos de Elsie aos signos relacionados ao vampirismo, entretanto, esses signos não são apenas uma repetição mas, uma recriação. Evidenciamos, ainda, que assim como para Kristeva, acreditamos que “o significado é sempre fugidio” (Silva, 2018, p. 263), deste modo, a construção do vampiro não se esgota em nossa análise, pelo contrário, acrescenta configurações possíveis.

### **Considerações finais**

A forma se apresenta em *Mordida* (2021) como aspecto essencial ao suporte, história em quadrinhos. Neste gênero, devemos buscar ler além do texto verbal, caso este exista, contemplando as imagens que o completam e o ampliam. No presente artigo, buscamos observar como a personagem-protagonista, Elsie, se constitui como um signo icônico, a partir de interpretantes presentes na obra, a fim de compreender a significação atribuída à figura da vampira. Analisamos que a personagem-protagonista é um signo icônico por ter atrelado a ela diversos signos que ampliam e lhe conferem sentido ao ser vampiro: as presas, as caveiras, o caixão, as bolsas de sangue, a igreja em chamas, Elsie em chamas, a natureza morta e a cruz invertida. Todos com a propriedade de interpretante, outras representações referentes ao objeto, Elsie. A relação sógnica estabelecida pelos

intérpretes ao decodificar tais elementos leva ao sentido humanizado dado à vampira, diante do enredo romântico no qual se insere e, principalmente, em como os elementos que elencamos são apresentados e organizados na obra. Portanto, pontuamos que a semiótica revela um acervo de conceituações e contribuições essenciais ao estudo dos elementos linguísticos e artísticos das histórias em quadrinhos, diante de sua complexidade, contribuindo para seu estado de arte.

## REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Sarah. **Mordida**. 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2021.

BOFF, Ediliane de Oliveira. **Traços de uma novela gráfica**. 9º arte, São Paulo, vol. 1, p. 93-96, 2º semestre/2012. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/99723/98157>

GARCÍA, Santiago. **Novela gráfica**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura Narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Tradução: Gisele Rosa. São Paulo: Petrópolis, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & Cia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SILVA, Marcelo Brito da. Implicações da semiótica de Julia Kristeva para a crítica literária. In: **Congresso Internacional ABRALIC: Circulação, tramas & sentidos na Literatura**, XVI, 2018, Online. Anais. São Paulo: Abralic, 2018. p. 261-274. Disponível em:  
[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547473698.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547473698.pdf). Acesso em: 08 de abril de 2024.

SILVA, José Fernandes da Silva. **O interpretante**. Cadernos de Semiótica Aplicada, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-10, agosto de 2007. Disponível em:  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/download/552/472/1516>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

VOLLI, Ugo. **Manual de semiótica**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.